



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE - CCBS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

CLARA TAVARES MACHADO

**SAÚDE MENTAL DE ADOLESCENTES ESTUDANTES DE ESCOLA PÚBLICA:
UMA REVISÃO DE LITERATURA**

**CAMPINA GRANDE
2023**

CLARA TAVARES MACHADO

**SAÚDE MENTAL DE ADOLESCENTES ESTUDANTES DE ESCOLA PÚBLICA:
UMA REVISÃO DE LITERATURA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado a/ao Coordenação /Departamento
do Curso de Psicologia da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Graduação em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Lígia de Aquino Gouveia

**CAMPINA GRANDE
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M149s Machado, Clara Tavares.
Saúde mental de adolescentes estudantes de escola pública [manuscrito] : uma revisão de literatura / Clara Tavares Machado. - 2023.
26 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2023.

"Orientação : Profa. Dra. Maria Lígia de Aquino Gouveia, Coordenação do Curso de Psicologia - CCBS. "

1. Saúde mental. 2. Adolescentes. 3. Escola pública. I.

Título

21. ed. CDD 155.5

CLARA TAVARES MACHADO

SAÚDE MENTAL DE ADOLESCENTES ESTUDANTES DE ESCOLA PÚBLICA: UMA
REVISÃO DE LITERATURA

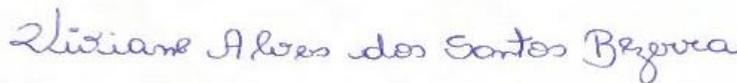
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado a/ao Coordenação /Departamento
do Curso de Psicologia da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Graduação em
Psicologia.

Aprovada em: 21/11/2023.

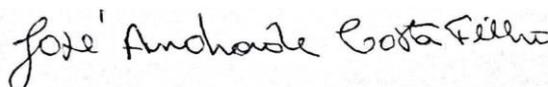
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Maria Ligia de Aquino Gouveia (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Viviane Alves dos Santos Bezerra
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. José Andrade Costa Filho
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Á minha família, pelo cuidado, dedicação,
apoio, companheirismo e zelo, dedico.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	06
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	07
3	METODOLOGIA.....	10
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	11
4.1	Panorama geral de saúde mental.....	11
4.2	Sintomas de ansiedade e/ou depressão.....	12
4.3	Bullying.....	13
4.4	Suicídio.....	15
4.5	Imagem corporal.....	16
4.6	Pandemia.....	17
4.7	Prevenção.....	18
5	CONCLUSÃO.....	18
	REFERÊNCIAS.....	19
	AGRADECIMENTOS.....	23

SAÚDE MENTAL DE ADOLESCENTES ESTUDANTES DE ESCOLA PÚBLICA: UMA REVISÃO DE LITERATURA

MENTAL HEALTH OF ADOLESCENT PUBLIC SCHOOL STUDENTS: A LITERATURE REVIEW

Clara Tavares Machado*
Maria Ligia de Aquino Gouveia**

RESUMO

A adolescência é uma construção histórica, considerada um estágio do desenvolvimento complexo e multidimensional, abrangendo mudanças em vários aspectos da vida do ser humano. A adolescência, no curso do desenvolvimento, está entre a infância e a fase adulta, em que uma pressão social é vivenciada, por ser um atravessamento com desafios e responsabilidades para o desenvolvimento pessoal, podendo trazer implicações para a saúde mental, para o desempenho escolar, a socialização e relacionamentos de forma geral. O quadro atual de dados sobre a saúde mental de adolescentes reflete fortemente na instituição escolar, que é um ambiente que visa promover não apenas conhecimentos técnicos e teóricos curriculares, mas socialização, desenvolvimento pessoal e social, sentimento de pertencimento e bem-estar (Matos e Carvalhosa, 2001). Assim, diante de um quadro preocupante de saúde mental de adolescentes e de ser a escola um contexto em que essa questão se evidencia, o presente artigo objetiva apresentar os temas abordados em artigos científicos, nos últimos sete anos – de 2017 a 2023 -, sobre saúde mental de adolescentes de escolas públicas, em duas importantes bibliotecas virtuais. Para isso, foi realizada uma revisão bibliográfica narrativa, proporcionando uma discussão mais ampliada. Para a realização desta pesquisa, foi feita uma busca no Portal de Periódicos da CAPES e na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), utilizando os seguintes descritores e operadores booleanos “Saúde Mental” AND “Escola Pública” AND “Adolescentes”, sendo filtrados somente artigos, no idioma português. Nos dois portais, foram encontrados um total de 85 artigos, e foram excluídos os textos repetidos, os que não se enquadravam na temática do estudo, além de monografias, dissertações e teses. Foram incluídos os artigos que abordavam de forma clara a saúde mental de adolescentes de escola pública, sendo selecionados 15 artigos. Foram encontradas sete categorias temáticas: panorama geral de saúde mental, sintomas de ansiedade e/ou depressão, *bullying*, suicídio, imagem corporal, pandemia e prevenção. Com isso, foi possível perceber que adolescentes de escolas públicas tiveram um maior percentual nos indicadores negativos de saúde mental; as meninas apresentam mais problemas relacionados a saúde mental do que os meninos; a qualidade das relações familiares e da cultura pode influenciar no bem-estar dos adolescentes; e a pandemia da Covid-19 trouxe vários prejuízos na saúde mental dos adolescentes escolares. Também ficou evidenciado que alunos de escola pública, quando comparados aos de escolas privadas, estão mais propensos a vivenciarem situações de *bullying*. Com este estudo, pôde-se concluir que ainda existem poucos artigos publicados sobre a saúde mental de adolescentes de escolas públicas nos últimos sete anos. Além disso, revelou a urgência de serviços de saúde mental na escola e de capacitação para os profissionais da educação, considerando os contextos de desigualdade social e de condições de vida e violação de direitos de famílias que têm seus filhos frequentando a escola pública brasileira.

*Graduanda em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba, clara.machado@aluno.uepb.edu.br.

**Doutora em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba, ligiaagouveia@servidor.uepb.edu.br.

Palavras-Chave: saúde mental; escola; adolescentes.

ABSTRACT

Adolescence is a historical construction, considered a complex and multidimensional stage of development, encompassing changes in various aspects of human life. Adolescence, in the course of development, is between childhood and adulthood, in which social pressure is experienced, as it is a crossing with challenges and responsibilities for personal development, which can have implications for mental health, school performance, socialization and relationships in general. The current picture of data on the mental health of adolescents strongly reflects on the school institution, which is an environment that aims to promote not only technical and theoretical curricular knowledge, but socialization, personal and social development, a sense of belonging and well-being (Matos and Carvalhosa, 2001). Thus, given a worrying picture of adolescent mental health and school being a context in which this issue becomes evident, this article aims to present the topics covered in scientific articles, in the last seven years - from 2017 to 2023 -, about mental health of adolescents in public schools, in two important virtual libraries. To this end, a narrative bibliographic review was carried out, providing a broader discussion. To carry out this research, a search was carried out on the CAPES Periodical Portal and the Virtual Health Library (VHL), using the following Boolean descriptors and operators “Mental Health” AND “Public School” AND “Adolescents”, being filtered only articles, in Portuguese. On both portals, a total of 85 articles were found, and repeated texts, those that did not fit the study theme, as well as monographs, dissertations and theses were excluded. Articles that clearly addressed the mental health of public school adolescents were included, with 15 articles selected. Seven thematic categories were found: general overview of mental health, symptoms of anxiety and/or depression, bullying, suicide, body image, pandemic and prevention. With this, it was possible to notice that adolescents from public schools had a higher percentage of negative mental health indicators; girls have more mental health-related problems than boys; the quality of family relationships and culture can influence the well-being of adolescents; and the Covid-19 pandemic brought several losses to the mental health of school adolescents. It was also evident that students from public schools, when compared to those from private schools, are more likely to experience bullying situations. With this study, it was concluded that there are still few articles published on the mental health of adolescents in public schools in the last seven years. Furthermore, it revealed the urgency of mental health services at school and training for education professionals, considering the contexts of social inequality and living conditions and violation of the rights of families who have their children attending Brazilian public schools.

Keywords: mental health; school; teenagers.

1 INTRODUÇÃO

O período da adolescência, fase de transição entre a infância e a vida adulta, é marcado por transformações nas esferas biológica, cognitiva, comportamental e socioemocional, incluindo variações hormonais e maturação sexual. É considerado um estágio do desenvolvimento complexo e multidimensional, já que abrange mudanças em vários aspectos da vida do ser humano (Santrock, 2013).

A adolescência, no curso do desenvolvimento, está entre a infância e a fase adulta, é uma etapa que uma pressão social é vivenciada, por ser um atravessamento com desafios e responsabilidades para o desenvolvimento pessoal, podendo trazer implicações para a saúde

mental, para o desempenho escolar, a socialização e relacionamentos de forma geral (França *et al.*, 2022).

A Organização Mundial de Saúde - OMS, no Relatório Mundial de Saúde Mental, publicado em junho de 2022, descreve a Saúde Mental como um continuum de experiências que vão desde um nível alto de bem-estar emocional a um grande sofrimento psíquico. Ainda conforme o relatório, os problemas de saúde mental se manifestam de maneiras diferentes em cada pessoa. Dados da OMS do ano de 2021 apontam que, no mundo, um em cada sete adolescentes, com idades entre 10 e 19 anos, apresenta algum quadro clínico de sofrimento mental, demonstrando a urgência em direcionar os olhares e políticas públicas em saúde mental para esse grupo (OMS, 2021).

O quadro atual de dados sobre a saúde mental de adolescentes reflete fortemente na instituição escolar, que é um ambiente que visa promover não apenas conhecimentos técnicos e teóricos curriculares, mas socialização, desenvolvimento pessoal e social, sentimento de pertencimento e bem-estar (Matos e Carvalhosa, 2001). Considerando que os adolescentes passam a maior parte do seu dia, durante alguns anos, na instituição escolar, onde existe uma diversidade de relações, a escola é apontada como um local de possível identificação de problemas relacionados a saúde mental (Estanislau; Bressan, 2014). Além disso, especificamente nas escolas públicas, essa questão se relaciona, no Brasil, com um sentimento de fracasso por parte dos estudantes, em razão de serem instituições que recebem menos investimentos e que, majoritariamente, são constituídas de alunos de classes sociais mais pobres, vítimas de inúmeras violações de direitos (Silva e Alberti, 2022). Assim, diante de um quadro preocupante de saúde mental de adolescentes e de ser a escola um contexto em que essa questão se evidencia, o presente artigo levanta a seguinte questão: O que está sendo publicado, no campo da psicologia, sobre a saúde mental de adolescentes de escola pública? Objetiva-se com essa pergunta de pesquisa apresentar os temas abordados em artigos científicos, nos últimos sete anos – de 2017 a 2023 -, sobre saúde mental de adolescentes de escolas públicas, em importantes bibliotecas virtuais. Esse intervalo contempla 4 anos antes da pandemia pela covid-19 e os 3 anos de pandemia entre 2020 e 2023 – quando é declarado, pela OMS, o fim da pandemia, esse recorte visa analisar também como essa questão se coloca em meio ao atravessamento pandêmico pela covid-19. Desse modo, presente artigo tem por objetivo apresentar os artigos científicos, em duas importantes bibliotecas virtuais, nos últimos sete anos, sobre saúde mental de adolescentes de escolas públicas, realizando uma revisão bibliográfica, apresentar os temas abordados nos artigos, descrever os objetivos e métodos e destacar os principais resultados encontrados.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O conceito de adolescência foi sendo construído entre os anos de 1890 e 1920 por vários estudiosos, incluindo educadores e psicólogos. Embora, na Grécia Antiga, Aristóteles já caracterizava os adolescentes como egocêntricos e que estavam em uma fase de autodeterminação, em que a maturidade e a capacidade de escolha estariam presentes, no fim do século XIX e na parte inicial do século XX, surgiram diferentes visões sobre esta etapa da vida e a primeira pessoa a estudar de forma científica a adolescência foi Stanley Hall, com a publicação do seu livro em 1904, em que apresenta o conceito como um período turbulento, com características de conflitos e de alterações do humor. Já em 1928, Margaret Mead, quando estudou adolescentes em Samoa, concluiu que existe uma base sociocultural, ou seja, que a cultura tem forte influência sobre a vida dessas pessoas, assim, a depender da cultura, seria uma fase diferente para cada um (Santrock, 2014). Ao longo da história foi se convencendo a adolescência como uma das fases do desenvolvimento humano, marcada biologicamente pela puberdade, em que ocorrem mudanças no corpo e muitos impactos socioemocionais,

preparando os indivíduos para a idade adulta. Na esfera socioemocional, no ocidente, os adolescentes tendem a possuir variações no humor e a buscarem se enturmar com seus pares, explorando a sua identidade; sendo uma etapa em que identificações, responsabilidades e compromissos são demandados aos mesmos (Santrock, 2014).

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) estabelece que a adolescência é a etapa entre 12 e 18 anos de idade. Durante esta transição para a vida adulta, por ser um período de grandes mudanças, a esfera psíquica dos sujeitos acaba sendo afetada, influenciando na forma como eles se veem, já que o corpo está passando por mudanças e as pessoas ao redor começam a ter expectativas diferentes do que se esperava do infante. Comportamentos que colocam a vida em risco também podem estar associados a esta fase, como o abuso de drogas, violência e relações sexuais desprotegidas, podendo comprometer a saúde física e mental (Santrock, 2014). Assim, o adolescente passa por vulnerabilidades, que estão ligadas a tais modificações, favorecendo o aumento de problemas emocionais (medo e nervosismo), exposição a situação de violência, de estresse e de insegurança (Antunes *et al.*, 2022).

Segundo dados da OMS de 2021, entre os principais quadros de sofrimento mental na adolescência, estão a ansiedade, depressão e distúrbios do comportamento. No relatório da OMS de 2022, a ansiedade se apresenta como transtorno mental mais prevalente entre os adolescentes mais velhos, tendo um maior índice no sexo feminino. O documento também traz o dado de que entre as causas de morte na adolescência, o suicídio é a que predomina, enquanto, em 2021, essa era a quarta causa de morte. Assim, observa-se um agravamento do quadro de saúde mental dos adolescentes na atualidade.

A OMS (2022) menciona que “ter saúde mental significa que somos mais capazes de conectar, funcionar e prosperar”, o que explica que danos na esfera psíquica podem causar prejuízos no funcionamento. Agravos na saúde mental e falta ou dificuldade de acesso ao bem-estar, podem prejudicar pensamentos, sentimentos, comportamentos, relacionamentos, educação, saúde física e até os recursos para sobrevivência.

Existem alguns fatores que são considerados como de risco para a saúde mental, ameaçando o bem-estar emocional dos indivíduos, como por exemplo, conflitos familiares, má nutrição e acesso a drogas. De outra maneira, também existem fatores de proteção, que podem fortalecer o nível de bem-estar emocional e contribuir com o desenvolvimento saudável do adolescente, um bom convívio familiar e a prática de exercícios físicos, são exemplos. Determinados fatores de risco podem ter um grande impacto para algumas pessoas e para outras não, sendo algo a ser analisado com atenção, pois um só elemento não necessariamente afeta de forma significativa a vida do sujeito, mas quanto maior a exposição a esses fatores, maiores serão os efeitos em sua saúde mental. Fatores de proteção, quando bem agrupados, têm mais chances de desenvolver uma capacidade de resiliência no indivíduo, isto é, uma habilidade de manter a competência mesmo diante grandes adversidades (Estanislau; Bressan, 2014).

Uma outra forma de prevenir o surgimento e desenvolvimento de problemas emocionais em adolescentes é ter um núcleo familiar que abra espaço para o diálogo sobre emoções e discussão dos impasses, na tentativa de dar apoio e de solucionar as adversidades, pois, ambientes familiares que mantêm uma conversação e troca, são suportes para os filhos regularem suas emoções e lidarem de uma forma mais saudável com elas (Grolli; Wagner; Dalbosco, 2017). Assim, a família também se caracteriza como essencial na prevenção em saúde mental.

É no decurso da adolescência que muitos jovens estão na escola, passando, muitas vezes, maior parte do dia. Assim, a instituição é considerada de grande importância na vida dos adolescentes, pois, além de ser um espaço capaz de transmitir saberes, também promove socialização e tal fato pode gerar efeitos na vida desses sujeitos (Do Nascimento e Schetinger, 2016). Estanislau e Bressan (2014) ressaltam que os professores, quando atuam de maneira

criativa, motivando e incentivando os alunos, influenciam de forma positiva na vida destes, podendo contribuir com o bem-estar deles.

Os professores podem servir de grande apoio no que tange a identificação de problemas de saúde mental e de promoção de cultura da paz, já que estão em uma posição de maior contato, estando diariamente com o alunado. A falta de conhecimento e de preparo e a insegurança dos docentes quanto ao manejo dessas situações, faz com que os alunos não os procurem para pedir ajuda, pois se sentem inseguros com seus educadores, com isso, fica evidente a necessidade de capacitar os professores, para que haja mais conhecimento, autonomia das escolas e confiança na abordagem e manejo dos adolescentes em risco, identificando os problemas mais precocemente e contribuindo para uma intervenção em tempo hábil (Brito *et al.*, 2020).

Por outro lado, existem questões que ocorrem no ambiente escolar que têm potencial para favorecer o adoecimento mental, já que, segundo Mello *et al.* (2019), alguns adolescentes podem manifestar comportamentos antissociais, individualistas e até agressivos na escola, produzindo um contexto violento. Tal violência é fruto de uma interação entre a individualidade e o contexto social em que cada pessoa está inserida, sendo multifatorial. Além disso, a violência pode ser praticada não apenas pelos adolescentes, mas também por outras pessoas que fazem parte da comunidade escolar, implicando em toda a esfera da instituição (Mello *et al.*, 2019).

No Brasil, desde 2007, existe o Programa de Saúde na Escola (PSE), que foi criado para lidar com a vulnerabilidade física e psíquica em que os adolescentes escolares estão expostos, com o intuito de realizar ações direcionadas a promoção de saúde, no sentido de educar, prevenir e intervir, diminuindo os prejuízos causados a saúde dos jovens (Herzog *et al.*, 2020). Assim, através do PSE, a escola também pode ser um local para atuar sobre o sofrimento mental, identificando os adolescentes em risco e intervindo, contando com o suporte dos professores (Brito *et al.*, 2020).

A Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) mais recente, de 2019, com uma amostra de 188.000 estudantes de escolas públicas e privadas, mostrou que no mesmo ano, 24,1% relataram que a vida não vale a pena, 50,9% afirmaram estarem muito preocupados e 43,9% constataram sentir irritabilidade, mau-humor e nervosismo.

De acordo com Mello *et al.* (2019), adolescentes que possuem ansiedade, depressão, poucos amigos, que são retraídos e pouco sociáveis são os que mais sofrem *bullying* na escola, juntamente com alunos que têm tendência suicida, deficiência física e mental, orientação sexual e identidade de gênero diferentes das do agressor. O *bullying*, segundo os autores, “é um ato de violência e tem sido compreendido como prática sistemática, ou quando há violência física ou psicológica em atos de intimidação, humilhação ou discriminação.”

Além das questões já apresentadas, no Brasil, a existência de grande desigualdade social e muitas violações de direitos, agrava ainda mais a situação de muitos adolescentes. Estudantes de escolas públicas do Brasil, majoritariamente, são de classes socioeconômicas mais baixas que vivenciam extremos problemas econômicos e de condições de vida. Muitas escolas públicas não funcionam em boas condições e estrutura, nem as condições de trabalho dos professores são boas. Todo esse cenário desfavorece a saúde mental em seus estudantes, e frequentar a escola acaba se tornando um peso, em vez de ser um espaço de aprendizagem, socialização e de expansão de oportunidades (Silva; Alberti, 2022).

Em março de 2020 a OMS declarou situação de pandemia, em virtude do novo coronavírus SARS-Cov-2 causar a doença COVID-19, trazendo mais um impacto e demandas para a vida em geral e em específico para as escolas, especialmente as escolas públicas. Frente a pandemia, foram tomadas algumas medidas para evitar o contágio e a progressão da doença, entre elas, o uso de máscaras, fechamento de escolas e distanciamento social, impactando no âmbito psicossocial e de saúde mental dos adolescentes (Costa; Oliveira, 2022). Os adolescentes tiveram suas aulas presenciais suspensas e, no caso das escolas públicas

brasileiras, com retorno apenas depois do ano de 2020, logo, esse afastamento da escola paralisaram algumas atividades de estudo e lazer e de fortalecimento de vínculos, em uma fase do desenvolvimento em que as emoções e atividades sociais são mais intensas (Vazquez *et al.*, 2022).

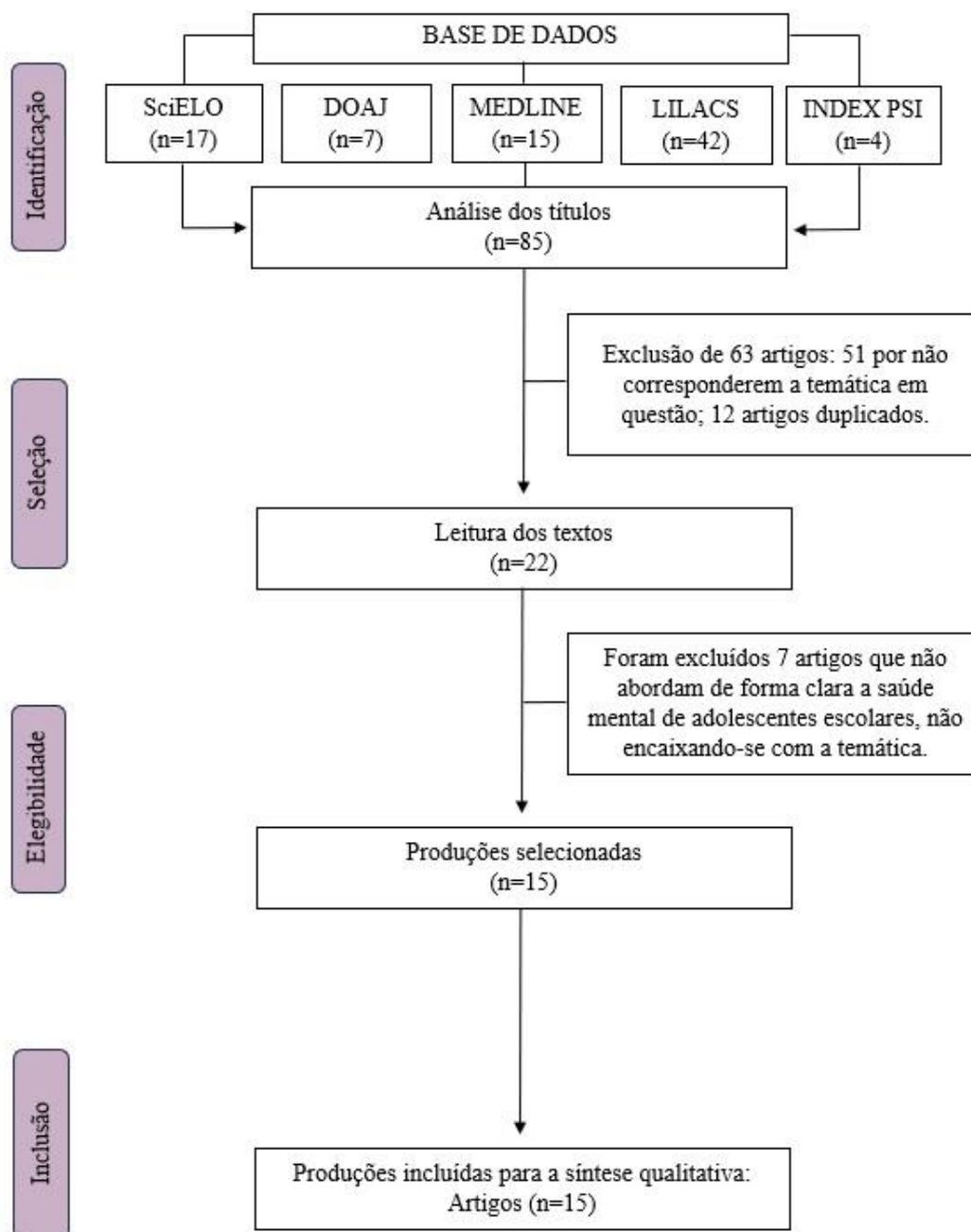
Diante do quadro de saúde mental de adolescentes na atualidade, como demonstra o relatório da OMS de 2022, destacando também o contexto da pandemia recentemente atravessados por eles, se faz necessário pesquisas sobre o tema e políticas públicas de promoção em saúde mental. Assim, busca-se neste estudo realizar uma pesquisa bibliográfica para analisar como e o que está sendo estudado sobre o tema da saúde mental de estudantes de escola pública. Para realizar essa pesquisa será considerado a produção acadêmica, em um intervalo de sete anos – de 2016 a 2023, quatro antes da pandemia e três de pandemia, sobre o tema da saúde mental de adolescentes de escolas públicas.

3 METODOLOGIA

Este estudo trata de uma revisão bibliográfica narrativa, que, segundo Casarin *et. al* (2020), é relevante para descrever o mapeamento de um assunto específico, e tendo em vista a abrangência da temática, este tipo de revisão proporciona uma discussão mais ampliada. Foi feito um recorte de publicações, em duas bibliotecas virtuais, do ano de 2016 ao ano de 2023, considerando, assim, 4 anos antes da pandemia pela covid-19 e os 3 anos de pandemia entre 2020 e 2023 - conforme declaração do fim da pandemia pela OMS.

Para a realização desta pesquisa, foi feita uma busca em duas bibliotecas virtuais, Portal de Periódicos da CAPES e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), utilizando os seguintes descritores e operadores booleanos “Saúde Mental” AND “Escola Pública” AND “Adolescentes”, sendo filtrados somente artigos, no idioma português. Nos dois portais, foram encontrados um total de 85 artigos, das bases de dados LILACS, SciElo, MEDLINE, Index Psi e DOAJ (Directory of Open Access Journals). Foram excluídos os textos repetidos, os que não se enquadravam na temática do estudo, além de monografias, dissertações e teses. Foram incluídos os artigos que abordavam de forma clara a saúde mental de adolescentes escolares de escola pública. No total, foram selecionados 15 artigos.

Figura 1. Fluxograma da análise das produções científicas:



Fonte: Autoria própria (2023).

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Dentre os artigos científicos analisados, em duas importantes bibliotecas virtuais nos últimos sete anos, sobre saúde mental de adolescentes de escolas públicas, foram encontradas sete categorias temáticas: **panorama geral de saúde mental, sintomas de ansiedade e/ou depressão, bullying, suicídio, imagem corporal, pandemia e prevenção**. Serão apresentados a seguir os artigos que geraram cada uma dessas categorias temáticas.

4.1 Panorama geral de saúde mental

Foi realizada uma pesquisa sobre a saúde mental dos adolescentes brasileiros, tratou-se de um estudo transversal com dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) de 2019. O intuito deste estudo foi descrever as prevalências dos indicadores de saúde mental entre os escolares. Com base no artigo, da PenSE de 2019 participaram 125.123 escolares de 13 a 17

anos. E os resultados apontaram que 40% não tinham amigos próximos; mais da metade (50,6%) sentiram-se preocupados com as coisas comuns do dia a dia; 31,4% sentiram-se tristes na maioria das vezes ou sempre; 30,0% achavam que ninguém se preocupava com eles; 40,9% ficaram irritados, nervosos ou mal-humorados; sentiam que a vida não vale a pena ser vivida; e 17,7% apresentaram autoavaliação em saúde mental negativa. O estudo mostrou que houve uma maior frequência em adolescentes de 16 e 17 anos, mulheres e em escolas públicas (Antunes *et al.*, 2022).

A pesquisa foi feita com estudantes de todo o Brasil e com escolas particulares e públicas e um dado relevante para este estudo foi o fato de que adolescentes de escolas públicas tiveram um maior percentual nos indicadores negativos de saúde mental, o que sinaliza que, devido a desigualdade social, o ambiente educacional influencia na qualidade de vida dos estudantes, visto que, em conformidade com Antunes *et al.* (2022), quando comparados aos alunos de escola particular, estudantes de escolas públicas têm menos acesso a atividades físicas e de lazer, apresentam menor procura pelos serviços de saúde e sofrem mais agressões físicas de familiares.

Com isso, foi possível perceber que a preocupação com situações corriqueiras é frequente em muitos adolescentes escolares, indicando a possibilidade de ter dificuldades em lidar com os problemas do dia a dia. Também ficou evidente a relevância de criar vínculos para o bem-estar, já que, de acordo com Estanislau e Bressan (2014), para que jovens tenham uma qualidade de vida satisfatória, é importante que criem vínculos, brinquem e consigam desenvolver estratégias para a resolução de problemas. Outros aspectos importantes foram o sentimento de tristeza ser presente na maioria das vezes, considerar que a vida não vale a pena ser vivida e irritabilidade frequentes, sendo uma sintomatologia presente nos transtornos depressivos, conforme Argimon *et al.* (2013).

Além disso, os resultados desta pesquisa mostraram que as meninas apresentam mais problemas relacionados a saúde mental do que os meninos, apontando que existem diferenças vivenciais no que tange ao gênero e que isso pode influenciar diretamente na saúde mental das adolescentes.

4.2 Sintomas de ansiedade e/ou depressão

Em junho de 2017 foi realizada uma pesquisa sobre sintomas depressivos e de ansiedade em adolescentes do ensino médio, sendo um estudo quantitativo e descritivo, que utilizou o Inventário de Depressão de Beck (BDI) e Inventário de Ansiedade de Beck (BAI). O objetivo da pesquisa foi o de verificar a prevalência de sintomas depressivos e de ansiedade em adolescentes concluintes do ensino médio de uma escola da rede pública no interior do Rio Grande do Sul. Participaram 70 adolescentes, com idades entre 16 e 19 anos. Os resultados mostram uma maior taxa de sintomas mínimos de depressão e ansiedade em comparação com sintomas leves, moderados e graves, em relação ao gênero dos participantes, sendo mais prevalentes nas adolescentes mulheres do que nos homens. Além disso, a pesquisa pôde apontar uma maior prevalência dos sintomas depressivos e ansiosos nos alunos que estudam a noite se comparados aos que estão no turno diurno (Grolli; Wagner; Dalbosco, 2017).

A partir disso, pode-se notar que as mulheres adolescentes possuem maiores taxas de problemas relacionados a ansiedade e a depressão, sendo mais afetadas do que os homens e isso pode ser explicado pelo fato de que, segundo a pesquisa realizada por Traverso-Yépez e Pinheiro (2005) com 205 adolescentes, os meninos entendiam o processo de adolescência como mais positivo e um período relacionado com liberdade, enquanto as meninas tinham uma visão mais negativa e de muita cobrança tanto da família, quanto da sociedade, repercutindo no seu bem-estar mental. Assim, fica evidente a influência das questões de gênero na saúde das mulheres e que ser do sexo feminino pode ser um fator de risco para ansiedade e depressão, já

que, conforme Estanislau e Bressan (2014, p. 39), um fator de risco diz respeito a algo que pode aumentar a probabilidade do desenvolvimento de um transtorno mental.

O dado de que há uma maior prevalência dos sintomas depressivos e de ansiedade nos que estudam a noite vai de encontro aos estudos de Sousa e Alberto (2008), em que ressaltam que quando os adolescentes trabalham e estudam ao mesmo tempo, algumas implicações psicossociais podem surgir, como por exemplo redução de participação em atividades sociais, de estudo e de lazer, além do cansaço e baixa autoestima, sendo complicações que também aparecem na sintomatologia da depressão e ansiedade, segundo Dalgalarondo (2018, p. 365).

Uma outra pesquisa foi realizada sobre a ocorrência de sintomas de Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG) e Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC) em 674 estudantes de 11 a 18 anos de uma escola pública de Salvador. Foram utilizadas escalas para avaliação de sintomas de TAG e TOC, aplicadas entre o período de março e dezembro de 2015. Avaliando os sintomas de pânico e agorafobia, fobia social, ansiedade de separação, ansiedade generalizada, obsessão e compulsão, medo de agressão física e deseabilidade social. O propósito do estudo foi descrever a ocorrência de sintomas de TAG e TOC em adolescentes escolares. Os resultados foram o aumento da presença desses sintomas na população estudada, com prevalência maior entre as alunas nos dois grupos de sintomas estudados (Tourinho; Hemany; Oliveira, 2020).

Com base nisso, é necessário que uma atenção maior seja dada a este grupo populacional, pois são sintomas que podem comprometer a vida dos adolescentes, já que, de acordo com Dalgalarondo (2018, p. 365), em alguns quadros de ansiedade existe uma dificuldade de concentração e de relaxamento, crises de pânico, medo intenso, insônia e angústia, além de sintomas físicos como dores de cabeça e musculares, tontura, sudorese e formigamentos, sendo sintomas capazes de causar sofrimento clinicamente significativo na vida dessas pessoas. Além disso, é preciso alertar a sociedade e o Estado sobre esses sintomas serem predominantes nas adolescentes escolares, para que sejam elaboradas políticas públicas efetivas na prevenção e promoção em saúde mental do sexo feminino.

Foi realizada uma pesquisa sobre vivências de adolescentes com sintomas depressivos em contexto escolar, tratou-se de um estudo qualitativo, respaldado na Análise de Conteúdo de Minayo. O estudo objetivou conhecer as vivências dos adolescentes com sintomas depressivos em uma escola pública do Rio Grande do Sul. Participaram 05 adolescentes com idades entre 12 e 18 anos que apresentavam sintomas depressivos ou diagnóstico de depressão. Nesta pesquisa, os adolescentes relataram ter dificuldade para se explicar, autolesões sem intenção suicida, agressividade, isolamento social, oscilação de sentimentos e falta de esperança. Também foi possível observar o importante papel da escola e dos professores, que podem servir como apoio para os estudantes (Herzog *et al*, 2020).

Os resultados deste estudo, vão de encontro ao pensamento de Santrock (2014), em que traz a adolescência como uma etapa da vida em que grandes transformações biopsicossociais acontecem, sendo um processo natural e que pode gerar alguns questionamentos relacionados a sua identidade. Além disso, o fato de que a escola e os professores podem exercer um papel de importância na saúde mental dos adolescentes é crucial para que sejam tomadas medidas sobre a função da escola e a influência que o ambiente escolar possui na vida dos seus escolares.

4.3 Bullying

Nessa temática foi realizado um estudo sobre a evolução do relato de sofrer *bullying* entre escolares brasileiros. Teve como objetivo comparar a tendência de *bullying* nas capitais brasileiras, considerando as edições da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) 2009, 2012 e 2015, e descrever na amostra de 2015 a prevalência do *bullying* por sexo, idade e dependência administrativa da escola. O relato de sofrer *bullying* entre os alunos do 9º ano das capitais brasileiras aumentou de 5,4%, em 2009, para 7,2%, em 2012, e 7,4%, em 2015.

Meninos relataram mais esse problema que as meninas. O estudo apontou aumento de 37% da prevalência de sofrer *bullying* entre 2009 e 2015 nas capitais brasileiras (Mello *et al.*, 2018).

O *bullying*, conforme Silva (2015), é um comportamento caracterizado por agressões psicológicas e/ou físicas intencionais e repetitivas direcionadas a uma pessoa com o objetivo de constranger, intimidar e amedrontá-la, sendo capaz de produzir um intenso sofrimento as vítimas e, por essa razão, o dado de que houve um aumento dessas condutas violentas no âmbito escolar se torna preocupante, já que, quanto mais *bullying* se sofre, maior vai ser a tendência em apresentar sintomas depressivos e de baixa autoestima (Lopes Neto, 2005). Além disso, o autor também ressalta que é importante que a escola seja um local seguro para o desenvolvimento saudável de crianças e adolescentes, fortalecendo habilidades sociais e intelectuais.

Quando se trata de escola pública, os resultados desta pesquisa vão de encontro ao estudo de Tognetta e Vinha, realizado em 2010 com 210 estudantes, sendo metade de alunos de escolas públicas e a outra parte de escolas particulares, que constatou que há uma ocorrência maior de *bullying* nas escolas públicas quando comparadas às privadas. Em relação ao gênero masculino estar mais envolvido do que o feminino, corrobora com o fato de que, em conformidade com Ristum (2010, p. 107), essa proporção é sempre maior, estando na posição de vítimas ou de agressores.

Um outro estudo nessa temática, realizado por Gomes *et al.* em 2019, abordou a associação entre reprovação escolar, *bullying* e drogas ilícitas em adolescentes. Foi realizado um estudo epidemiológico, do tipo transversal, com o intuito de caracterizar os adolescentes com situação de reprovação escolar e investigar a relação com vivência de *bullying* e consumo de álcool/maconha. Participaram 239 adolescentes de uma escola pública de Salvador. O estudo revelou associações significativas entre reprovação escolar e consumo de álcool e vivências de *bullying*, indicando que além de poder comprometer a saúde mental, pode trazer prejuízos no desempenho escolar, pois, conforme os autores, o adolescente, ao estar nessas situações pode diminuir o interesse em comparecer à escola e apresentar dificuldades para aprender e se concentrar, aumentando a possibilidade de reprovação escolar.

Outro artigo foi publicado sobre a prevalência de *bullying* e fatores associados em escolares brasileiros. Tratou-se de análise da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) 2015 em amostra nacional com 102.301 alunos do 9º ano. O estudo analisou a prevalência de sofrer *bullying* e fatores associados em escolares brasileiros. A análise multivariada mostrou que quem tem maior chance de sofrer *bullying* são os escolares do sexo masculino, com 13 anos, da escola pública, filhos de mães sem escolaridade, que trabalham, com relato de solidão, sem amigos, com insônia; que sofreram agressão física dos familiares, faltaram as aulas sem avisar aos pais, usaram tabaco. Predominaram vítimas de 13 anos, com contexto social e familiar desfavorável, mostrando cenário de vulnerabilidades, demandando apoio de redes de proteção social, escolar e familiar (Malta *et al.*, 2017).

Os dados deste artigo apontam para a importância do contexto em que o adolescente está inserido, sugerindo que é um fator relacionado a ocorrência de *bullying*. Nesse sentido, a qualidade das relações familiares e da cultura pode influenciar os autores, vítimas e testemunhas (Ristum, 2010). Nessa mesma direção, Lopes Neto (2005) destaca que o *bullying* pode causar uma gama de prejuízos, incluindo financeiros, sociais e familiares, já que, segundo o autor, “as crianças e adolescentes que sofrem e/ou praticam *bullying* podem vir a necessitar de múltiplos serviços, como saúde mental, justiça da infância e adolescência, educação especial e programas sociais”, o que pode confirmar o dado da pesquisa de que estas pessoas necessitam de uma rede de apoio e proteção, na tentativa de amenizar as consequências da violência escolar.

Outro artigo foi publicado sobre interações familiares de estudantes em situações de *bullying*, realizado por Oliveira *et al.*, em 2018. Tratou-se de um estudo transversal e a coleta de dados ocorreu por meio da aplicação coletiva de duas escalas, sendo uma para identificar

comportamentos de *bullying*/vitimização e outra para aferir a qualidade das interações familiares dos adolescentes. Teve por objetivo analisar a qualidade das interações familiares de adolescentes e o envolvimento em situações de *bullying* escolar. Participaram 2.354 estudantes do ensino fundamental e médio de 11 escolas públicas do interior de Minas Gerais. Verificou-se que os estudantes não envolvidos em situações de *bullying* possuíam melhores interações familiares quando comparados com os estudantes identificados como agressores, vítimas e vítimas-agressoras.

Dentro das relações familiares existem práticas educativas, em que os genitores ou responsáveis, segundo Patias, Siqueira e Dias (2013) possuem normas e comportamentos a fim de educar os filhos, embora algumas práticas adotadas como punição física, negligência, altos níveis de exigência e controle e abuso físico e emocional sejam classificadas como um fator de risco para o desenvolvimento saudável da prole. Isso pode ser confirmado pelo dado da pesquisa de Oliveira *et al.* (2018), na qual foi constatado que os aspectos “punição física” e “comunicação negativa” foram associados a maior possibilidade de *bullying* ou vitimização entre os estudantes e, por outro lado, constatou que um ambiente familiar com “regras e monitoria” pode ser considerado como fator de proteção para o *bullying* ou a vitimização. Em acréscimo a isso, Patias, Siqueira e Dias (2013) sugerem que o monitoramento efetivo, o fortalecimento do vínculo e o estabelecimento de limites são aspectos protetivos em relação ao desenvolvimento de problemas de saúde mental, como a depressão e baixa autoestima.

4.4 Suicídio

Nessa temática, foi realizado um estudo sobre representações sociais do suicídio para adolescentes. O estudo utilizou um método qualitativo, sendo orientado pelos pressupostos da Teoria das Representações Sociais. Teve como objetivo buscar compreender as Representações Sociais (RS) do suicídio entre adolescentes do Ensino Médio de uma Escola Pública de Curitiba, além de verificar as influências midiáticas sobre a construção dessas representações. Participaram 18 adolescentes, entre meninos e meninas. Os resultados da pesquisa mostraram que as RS dos adolescentes pesquisados possuem uma relação com as informações que recebem e com o modo pelo qual esse conteúdo é abordado pelas mídias (Kravetz *et al.*, 2021). Assim, o conteúdo do artigo gira em torno dos conhecimentos acerca do suicídio e de como essa representação foi construída.

Kravetz *et al.* (2021) constataram que as RS dos adolescentes acerca deste tema são influenciadas por outros fatores além da mídia, como por exemplo ouvir relatos de ideação suicida, ciclo familiar, relações escolares e até pela realização do ato suicida por alguém conhecido. Desse modo, trata-se de um estudo relevante para a compreensão de como essas informações impactam na vida dos adolescentes, os ajudando a analisar o tema e a dar mais relevância a um assunto que ainda é considerado um tabu na sociedade, pois de acordo com Nery (2021), nas poucas vezes em que o tema é discutido, não é abordado de maneira adequada e isso prejudica o acesso a informação de qualidade, contribuindo para o aumento do estigma e dificultando a busca de ajuda.

Além disso, o estigma sobre o suicídio pode implicar a todos aqueles que, de algum modo, tiveram contato com o tema, provocando desesperança, baixa autoestima e isolamento social (Nery, 2021). Portanto, a pesquisa mostra-se importante na medida em que consegue retratar o entendimento dos adolescentes escolares sobre o suicídio, os auxiliando a refletir sobre fatores de risco e proteção e dando espaço de fala a esses alunos, na tentativa não apenas de orientar, mas também de identificar se existe sofrimento em algum nível por parte destes.

Outro artigo publicado foi a respeito de comportamento suicida e estratégias de prevenção sob a ótica de professores, realizado por Brito *et al.*, em 2019. Tratou-se de um estudo qualitativo, apoiado na pesquisa-ação. O estudo teve o intuito de analisar conhecimentos sobre comportamento suicida e estratégias de prevenção adotadas por professores do ensino

fundamental. Foi realizado em uma escola pública do município de Teresina, Piauí, Brasil. Participaram 09 professores de ensino fundamental. De acordo com os autores, existem evidências da existência de baixo nível de preparo e de conhecimento, além de uma insegurança dos professores para tratar do tema com os alunos, e isso pôde ser percebido no artigo, em que constatou que os professores não têm habilidades para identificar os sinais de alerta e no manejo de uma crise.

A ausência de uma equipe de saúde mental na escola e do debate de temas transversais nos currículos escolares, evidenciadas pelos resultados da pesquisa, se torna uma grande preocupação, visto que Estanislau e Bressan (2014) postulam que introduzir serviços de saúde mental nas escolas trazem benefícios para as comunidades e para as escolas, contribuindo para solucionar os problemas de forma mais eficiente, ao passo que, sem uma equipe de saúde mental, as demandas podem não ser identificadas e abordadas da forma correta, trazendo prejuízos ao adolescente escolar. Portanto, conforme os autores, implantar programas de saúde mental, com uma equipe especializada e capacitar os professores, pode evitar ou amenizar o desenvolvimento de sofrimento psíquico, bem como auxiliar no manejo adequado.

Um ponto a ser destacado nesta categoria é a escassez de pesquisas sobre a ocorrência de suicídio de adolescentes de escolas públicas, já que os artigos encontrados nos últimos sete anos se debruçaram acerca do conhecimento sobre o tema e não sobre a prevalência em si, sendo que dados da OMS de 2021 mostraram que o suicídio se apresenta como a quarta causa de morte entre pessoas de 15 a 29 anos. É fundamental que pesquisas sejam feitas neste âmbito e com esta finalidade, para que possa ser feito um panorama de como se encontra a qualidade de vida do adolescente escolar e quais os riscos disso na vida dessas pessoas, da escola e da sociedade em geral, e que sejam implantadas políticas públicas em saúde mental efetivas.

4.5 Imagem corporal

Nessa temática foi publicada uma pesquisa sobre satisfação com a imagem corporal e bem-estar subjetivo entre adolescentes escolares. Foi realizado um estudo observacional, de base escolar, analítico e transversal, com objetivo de estudar o perfil de bem-estar entre adolescentes escolares satisfeitos e insatisfeitos com a imagem corporal. Os instrumentos utilizados foram: Questionário de Dados Sociodemográficos; Critério de Classificação Econômica Brasil; Body Shape Questionnaire; Escala Multidimensional Breve de Satisfação com a Vida em Estudantes; Percepção de Saúde e de Otimismo e Escala de Felicidade. A amostra foi de 1.460 alunos do nono ano do ensino fundamental da rede estadual de Canoas/RS. Os resultados da pesquisa apontaram que a maioria dos estudantes estava satisfeita com a sua imagem corporal, sendo similares aos de pesquisas anteriores (Lemes *et al.*, 2018).

A maior insatisfação com a imagem corporal, de acordo com a pesquisa, foi entre as meninas, isso pode ser explicado pela pressão social sobre as mulheres e de uma imposição de padrões de beleza baseados na magreza, em que, tal nível de insatisfação pode contribuir para o desenvolvimento de transtornos alimentares (Marques *et al.*, 2016). Desse modo, esses padrões de beleza e estigmas sobre os corpos femininos podem desencadear uma busca desenfreada por um tipo de corpo, aumentando a insatisfação com a imagem corporal e comprometendo a integridade física e mental do sujeito adolescente (Petroski; Pelegrini; Graner, 2012).

Outro artigo publicado foi “Qualidade de vida relacionada à saúde de adolescentes com excesso de peso”, produzido por Dantas *et al.*, em 2020. Nesse artigo foi analisada a qualidade de vida, por meio do Kidscreen-52, variáveis demográficas e econômicas (idade, sexo, cor da pele e classe econômica), o nível de atividade física, tempo de tela e estado nutricional. A pesquisa teve o intuito de avaliar a associação da qualidade de vida relacionada à saúde em adolescentes com excesso de peso com aspectos demográficos e econômicos, de estilo de vida

e do estado nutricional. Participaram 100 adolescentes de idade entre 10 e 16 anos, de duas escolas públicas municipais de Campina Grande, PB.

As meninas apresentaram piores condições de qualidade de vida geral em vários domínios e isso se torna um dado alarmante na medida em que vai de encontro aos estudos anteriores sobre ansiedade e depressão, problemas de saúde mental e de imagem corporal, em que há uma ocorrência maior entre as meninas adolescentes. Esse resultado também aponta para a urgência de um cuidado e olhar atento que devem ser direcionados às meninas e mulheres, a fim de instituir programas direcionados ao bem-estar feminino, prevenindo problemas relacionados a saúde mental e física e promovendo mais qualidade de vida a estas pessoas. Adolescentes com sobrepeso e sedentários apresentaram maiores índices de baixa qualidade de vida, isso decorre do fato de que o excesso de peso pode acarretar prejuízos biopsicossociais, sendo a prática de exercício físico e a reeducação alimentar fatores imprescindíveis para a reversão desse quadro, promovendo bem-estar e aumentando a qualidade de vida (Celestrino; Costa, 2006).

4.6 Pandemia

Foi publicado um artigo sobre o uso da técnica de diário para investigar autocuidado na adolescência durante a pandemia da COVID-19, realizado por Costa e Oliveira, em 2022. Tratou-se de um estudo qualitativo que contou com a participação de nove adolescentes de uma escola pública de São Paulo. Os dados foram coletados por meio da técnica do diário. Os diários elaborados pelos pesquisadores foram preenchidos individualmente pelos adolescentes durante 30 dias. Esse estudo teve como objetivo identificar comportamentos de autocuidado e sentimentos de adolescentes brasileiros durante um dos momentos da pandemia da COVID-19. Os resultados mostraram que os participantes possuíam boa compreensão de saúde mental e da necessidade de adoção de comportamentos de autocuidado durante a pandemia da COVID-19, revelando cuidados como a prática de exercícios físicos, alimentação mais equilibrada e procura de ajuda ou rede de apoio, indo conforme o estudo de Esperidião, Farinhas e Saidel (2020), em que ressalta que esses cuidados foram importantes e são considerados fatores protetivos relacionados ao bem-estar durante o momento pandêmico.

Costa e Oliveira (2022) também verificaram que muitas experiências dos adolescentes durante a pandemia estavam relacionadas com a saúde mental e que a ansiedade foi a mais mencionada, além de algumas emoções como raiva, tristeza, vazio, confusão mental e cansaço. Com isso, os adolescentes registraram nos diários que buscaram manter uma rotina de autocuidado, na tentativa de amenizar problemas de saúde decorrentes da pandemia. Assim, mantiveram uma rotina e buscaram ter momentos de lazer e relaxamento. Esses resultados podem aumentar o conforto e diminuir o estresse e problemas com o sono, favorecendo o bem-estar das pessoas (Esperidião; Farinhas; Saidel, 2020).

Foi publicado um artigo sobre a vida sem escola e saúde mental dos estudantes de escolas públicas na pandemia de Covid-19, realizado por Vazquez *et al.*, em 2022. Tratou-se de estudo transversal, aplicado entre outubro e dezembro de 2020, baseado em questionário online de autorrelato com o objetivo de analisar os efeitos da pandemia de Covid-19 sobre a saúde mental dos estudantes durante parte do período de suspensão das aulas presenciais. Participaram estudantes entre 13 e 20 anos, do 9º ano do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, que acompanhavam as atividades escolares remotas em 21 escolas públicas estaduais e municipais das comunidades de São Paulo e Guarulhos. O estudo constatou que sem a rotina escolar, o tempo de exposição às telas, a inversão do sono e o sexo feminino, combinados com as dificuldades do ensino remoto e outros marcadores sociais (como cor/raça e casos de Covid-19 em casa), estiveram associados a sintomas de depressão e ansiedade durante este período pandêmico.

A partir desses resultados, pode-se inferir as consequências causadas pela pandemia na saúde mental dos adolescentes, já que houve uma transformação no estilo de vida e na rotina das pessoas, e estas tiveram que se adaptar a novas formas de estudo e trabalho, e essas mudanças, alinhadas ao distanciamento social, podem favorecer o aumento de níveis de ansiedade e inseguranças, além de perturbações no humor (Mangueira *et al.*, 2020). Com isso, Vazquez *et al.* (2022), destacam a rotina escolar como relevante na vida dos adolescentes, na medida em que representam, além de um lugar de estudo, um espaço para interação social e convivência com seus pares. Assim, a falta de convívio com o ambiente escolar e com os colegas resultou em alterações nos hábitos de vida, relacionados a alimentação desfavorável a saúde, sedentarismo e prejuízos no sono, podendo gerar níveis de estresse, medo, insegurança e frustrações.

Esses estudos evidenciam a importância da escola como um espaço capaz de favorecer o desenvolvimento saudável de adolescentes, já que de sua ausência podem decorrer problemas relacionados à saúde mental dos estudantes. Em virtude disso, é imprescindível que haja mais valorização e investimentos nas escolas públicas, para que, cada vez mais, se fortaleçam como um local não apenas de aprendizado e construção curricular, mas também de formação de vínculos, suporte e satisfatório para o bem-estar do alunado.

4.7 Prevenção

Foi publicado um artigo a respeito de um folder educativo como estratégia de promoção e prevenção em saúde mental. Tratou-se de uma pesquisa e elaboração de um folder educativo sobre Saúde Mental para ser utilizado na promoção e prevenção em Saúde Mental com alunos e professores no espaço escolar. Foi elaborado a partir do referencial teórico de uma tese de doutorado sobre Saúde Mental, visando a ações de promoção e prevenção no ambiente escolar. O objetivo teve intuito discursivo, ilustrativo e finalidades específicas de educação, promoção e prevenção em saúde mental. O material pode contribuir com a aquisição de conhecimentos e educação acerca do tema de modo interessante e acessível (Do Nascimento; Schetinger, 2016).

A pesquisa traz a reflexão de que a escola é um local apropriado para ações de prevenção e promoção em saúde mental, dado que é onde os adolescentes passam grande parte do tempo e comporta uma grande população. Dessa forma, serviços relacionados a saúde mental podem colaborar com a redução do estigma e melhorar a realização de intervenções (Estanislau; Bressan, 2014). A falta de informação pública tem sido uma das principais causas para que transtornos mentais sejam tão comuns, segundo Estanislau e Bressan (2014), e a educação em saúde mental pode amenizar essa circunstância, na medida em que é capaz de favorecer o entendimento sobre a temática e isso auxilia em novas formas de cuidado e de buscar ajuda.

5 CONCLUSÃO

A partir deste estudo, foi possível verificar que, apesar dos achados, ainda existem poucos artigos publicados sobre a saúde mental de adolescentes de escolas públicas nos últimos sete anos, sendo uma temática que necessita de atenção, pois engloba questões que envolvem sofrimento psíquico, trazendo prejuízos na esfera biopsicossocial dos adolescentes. Os principais temas abordados foram sobre aspectos gerais da saúde mental, níveis de ansiedade e depressão, nível de satisfação com imagem corporal, *bullying* na escola, percepção do suicídio, saúde mental na pandemia e medidas de prevenção. Em termos gerais, pode-se considerar, conforme os resultados dos estudos analisados, que o sexo feminino apresentou maiores comprometimentos na qualidade de vida e saúde mental no período da adolescência, já que, na maioria dos artigos encontrados, as meninas demonstraram maior prevalência de ansiedade, depressão, insatisfação com a imagem corporal e mais implicações relacionadas outras questões em saúde mental. Assim, torna-se crucial a realização de mais pesquisas para um aprofundamento nesta temática, debatendo as questões de gênero e em como elas influenciam

no bem-estar e na vida das meninas e mulheres. Além disso, é essencial que haja uma implementação de políticas públicas voltadas para a saúde mental das adolescentes, com o intuito de promoção de saúde mental.

Através deste trabalho, também ficou evidenciado que alunos de escola pública, quando comparados aos de escolas privadas, estão mais propensos a vivenciarem situações de *bullying*. Isso significa que as vivências são diferentes para cada instituição e é por essa razão que a escola pública precisa de mais valorização, melhor estrutura e qualidade no ensino, para que esses números sejam reduzidos, fazendo da escola um ambiente mais favorável para o bem-estar dos adolescentes. Em relação a saúde mental de adolescentes de escolas públicas no período pandêmico, foram encontrados apenas dois estudos, sendo um sobre formas de autocuidado e outro sobre saúde mental, e os dois evidenciaram que com a chegada da pandemia da Covid-19, surgiram níveis de estresse, alterações nos hábitos de vida e insegurança nos alunos, assim, demonstrando a importância do ambiente escolar e que é um espaço que necessita de investimento e de mais pesquisas.

Em um dos estudos publicados no recorte de período considerado nessa pesquisa também pôde mostrar que a compreensão que os alunos têm do comportamento suicida é baseada no discurso que aparece na mídia, o que pode estigmatizar ainda mais as pessoas que passam por esse sofrimento mental. Os professores demonstraram não saber como agir ou manejar quando se deparam com um aluno com esse tipo de problemática, e por isso a urgência de serviços de saúde mental na escola e de capacitação para os profissionais da educação, para que seja proporcionado acolhimento, identificação em tempo hábil e encaminhamento para serviços especializados, promovendo uma intervenção de qualidade e saúde mental, além do desenvolvimento de projetos de prevenção em saúde mental de adolescentes. Ademais, é importante considerar, na discussão sobre saúde mental, toda complexa problemática de desigualdade social e conseqüente péssimas condições de vida e violação de direitos de famílias que têm seus filhos frequentando a escola pública brasileira.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Juliana Teixeira et al. A saúde mental dos adolescentes brasileiros: Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar de 2019. **REME-Revista Mineira de Enfermagem**, v. 26, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/reme/article/view/38984>. Acessado em 11 de jul. de 2023.
- ARGIMON, Irani Iracema de Lima et al. Intensidade de sintomas depressivos em adolescentes através da escala de depressão de Beck (BDI-II). **Boletim-Academia Paulista de Psicologia**, 2013. Disponível em: [https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/9108/2/Intensidade de Sintomas depressivos em adolescentes através da escala de depressão de Beck BDI II.pdf](https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/9108/2/Intensidade%20de%20Sintomas%20depressivos%20em%20adolescentes%20atraves%20da%20escala%20de%20depressao%20de%20Beck%20BDI%20II.pdf). Acessado em 21 de out. 2023.
- BRITO, Mara Dalila Leandro de Sousa et al. Comportamento suicida e estratégias de prevenção sob a ótica de professores. **Escola Anna Nery**, v. 24, p. e20200109, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/VT9rfDgLkb7cnhdrJjw4GXc/>. Acessado em 21 de out. 2023.
- CASARIN, Sidnéia Tessmer et al. Tipos de revisão de literatura: considerações das editoras do Journal of Nursing and Health/Types of literature review: considerations of the editors of the Journal of Nursing and Health. **Journal of Nursing and Health**, v. 10, n. 5, 2020. Disponível em:

<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/enfermagem/article/view/19924/11996>. Acessado em 19 de set. 2023.

CELESTRINO, Juliana Oliveira; DOS SANTOS COSTA, André. A prática de atividade física entre escolares com sobrepeso e obesidade. **Revista mackenzie de educação física e esporte**, v. 5, n. 3, 2006. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/view/1896/1368>. Acessado em 22 de out. 2023.

COSTA, Adelita Cabrera; DE OLIVEIRA, Wanderlei Abadio. Uso da técnica de diário para investigar autocuidado na adolescência durante a pandemia da COVID-19. **Novas Tendências em Pesquisa Qualitativa**, v. 13, p. e681-e681, 2022. Disponível em: <https://publi.ludomedia.org/index.php/ntqr/article/view/681>. Acessado em 11 de jul. 2023.

DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. Artmed Editora, 2018.

DANTAS, Jaqueline Costa et al. Qualidade de vida relacionada à saúde de adolescentes com excesso de peso. **RBONE-Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento**, v. 14, n. 85, p. 241-250, 2020. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8150428>. Acessado em 21 de out. 2023.

DO NASCIMENTO, Carlos Alberto Machado; SCHETINGER, Maria Rosa Chitolina. Folder educativo como estratégia de promoção e prevenção em saúde mental numa escola pública do ensino médio. **Interfaces da Educação**, v. 7, n. 20, p. 195-210, 2016. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/999>. Acessado em 11 de jul. 2023.

ECA, Estatuto da Criança e do Adolescente. – Brasília: **Senado Federal**, Coordenação de Edições Técnicas, 2017.

ESPERIDIÃO, Elizabeth; FARINHAS, M. G.; SAIDEL, M. G. B. Práticas de autocuidado em saúde mental em contexto de pandemia. **Esperidião, E. & Saidel, MGB Enfermagem em Saúde mental e Covid-19**, p. 67-73, 2020. Disponível em: <https://publicacoes.abennacional.org.br/wp-content/uploads/2021/03/e4-saudemental-cap9.pdf>. Acessado em 22 de out. 2023.

ESTANISLAU, Gustavo M.; BRESSAN, Rodrigo Affonseca. **Saúde mental na escola: o que os educadores devem saber**. Artmed Editora, 2014.

FERREIRA, Bruna Vitória de Oliveira et al. Atitudes de adolescentes escolares sobre o consumo de álcool e outras drogas: estudo transversal. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 36, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/44908>. Acessado em 11 de jul. 2023.

FRANÇA, Enmilly Oliveira et al. Fatores de risco para depressão na adolescência: uma revisão sistemática. **Revista Brasileira de Neurologia e Psiquiatria**, v. 26, n. 1, 2022. Disponível em: <https://rbnp.emnuvens.com.br/rbnp/article/view/877/263>. Acessado em 11 de jul. 2023.

GOMES, Nadirle Pereira et al. Associação entre reprovação escolar, bullying e drogas ilícitas em adolescentes: estudo transversal. **Braz on-line. j. enfermeiras.(Online)**, 2018. Disponível em: https://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/5979/html_2. Acessado em 21 de out. de 2023.

GROLLI, Verônica; WAGNER, Marcia Fortes; DALBOSCO, Simone Nenê Portela. Sintomas depressivos e de ansiedade em adolescentes do ensino médio. **Revista de Psicologia da IMED**, v. 9, n. 1, p. 87-103, 2017. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6185316>. Acessado em 11 de jul. 2023.

HERZOG, Fernando Fraga et al. Vivências de adolescentes com sintomas depressivos em contexto escolar. **Rev. enferm. UFSM**, p. 69-69, 2020. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1128272>. Acessado em 11 de jul. de 2023.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar: 2019**. Rio de Janeiro: IBGE; 2021.

KRAVETZ, Patrícia Louise et al. Representações Sociais do Suicídio para adolescentes de uma Escola Pública de Curitiba, Paraná, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, p. 1533-1542, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/FNHKwsVjBGwjcYJ795nr46f/>. Acessado em 21 de out. 2023.

LEMES, Daniela Carolina Molina et al. Satisfação com a imagem corporal e bem-estar subjetivo entre adolescentes escolares do ensino fundamental da rede pública estadual de Canoas/RS, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, p. 4289-4298, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/w7txZF4cWsCtDvVH6phkrYb/>. Acessado em 21 de out. 2023.

MALTA, Deborah Carvalho et al. Prevalência de bullying e fatores associados em escolares brasileiros, 2015. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, p. 1359-1368, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/qY5nGMDwgSvVfBvHL76ZKwg/>. Acessado em 11 de jul. de 2023.

MARQUES, Maria Inês et al. (In) Satisfação com a imagem corporal na adolescência. **Revista Nascer e Crescer**, v. 25, p. 217-221, 2016. Disponível em: https://repositorio.chporto.pt/bitstream/10400.16/2029/1/05_ArtigosOriginais-3_25-4.pdf. Acessado em 22 de out. de 2023.

MATOS, Margarida Gaspar de; CARVALHOSA, Suzana Fonseca. A saúde dos adolescentes: ambiente escolar e bem-estar. **Psicologia, saúde e doenças**, v. 2, n. 2, p. 43-53, 2001. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/362/36220203.pdf>. Acessado em 11 de jul de 2023.

MELLO, Flávia Carvalho Malta et al. Evolução do relato de sofrer bullying entre escolares brasileiros: Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar-2009 a 2015. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 21, p. e180015, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepid/a/HnbhYRDZjm6vDhQXpJTdgmP/>. Acessado em 11 de jul. de 2023.

NERY, Clara Xavier Perin. É preciso ouvir: Falar sobre suicídio é um ato de amor. 2021. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/31006/1/2021_ClaraXavierPerinNery_tcc.pdf. Acessado em 21 de out. de 2023.

OLIVEIRA, Wanderlei Abadio de et al. Interações familiares de estudantes em situações de bullying. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 67, p. 151-158, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/dzT9gZnBBtXQ3kXM7dvVf5x/?lang=pt>. Acessado em 21 de out. 2023.

OMS. Organização Mundial de Saúde. **Relatório Mundial de Saúde Mental: transformando a saúde mental para todos**. Genebra: OMS, 2022. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789240049338>. Acessado em 11 de jul. de 2023.

OMS. Organização Mundial de Saúde. **Saúde Mental do Adolescente**. 2021. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/adolescent-mental-health>. Acessado em 11 de jul. de 2023.

PETROSKI, Edio Luiz; PELEGRINI, Andreia; GLANER, Maria Fátima. Motivos e prevalência de insatisfação com a imagem corporal em adolescentes. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, p. 1071-1077, 2012. Disponível em: https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/csc/v17n4/v17n4a28.pdf. Acessado em 22 de out. de 2023.

RISTUM, Marilena. Bullying escolar. **Impactos da violência na escola: um diálogo com professores**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação/Fiocruz, 2010. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/szv5t/pdf/assis-9788575413302.pdf>. Acessado em 21 de out. de 2023.

SANTROCK, John W. **Adolescência**. AMGH Editora, 2014.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. Globo Livros, 2015.

SILVA, Joyce de Paula; ALBERTI, Sonia. Política e Clínica no Trabalho Possível com Escolas Públicas: Contribuições da Psicanálise. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 42, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/7LVzHVfyYd5J4pctZW8rTRJ/?lang=pt>. Acessado em 12 de jul. de 2023.

SOUSA, Olívia Maria Costa Grangeiro de; ALBERTO, Maria de Fátima Pereira. Trabalho precoce e processo de escolarização de crianças e adolescentes. **Psicologia em estudo**, v. 13, p. 713-722, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/58yGDzFsDxq4H5LjBWGs3Rj/>. Acessado em 21 de out. de 2023.

TAVARES, João Márcio Almeida Dias et al. Fatores de risco e prevenção dos transtornos de ansiedade na adolescência: uma revisão narrativa. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 15, n. 11, p. e11353-e11353, 2022. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/11353/6719>. Acessado em 11 de jul. de 2023.

TOGNETTA, Luciene Regina Paulino; VINHA, Telma Pileggi. Até quando? Bullying na escola que prega a inclusão social. **Educação UFSM**, v. 35, n. 03, p. 449-463, 2010. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/edufsm/v35n03/v35n03a07.pdf>. Acessado em 21 de out. de 2023.

TOURINHO, Stefano Emanuel Santos; HEMANY, Curt; DE OLIVEIRA, Irismar Reis. Ocorrência de sintomas de transtorno de ansiedade generalizada (TAG) e transtorno obsessivo-compulsivo (TOC) em estudantes de 11 a 18 anos de uma escola pública de Salvador. **Revista de Ciências Médicas e Biológicas**, v. 19, n. 4, p. 547-552, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/cmbio/article/view/42669/24164>. Acessado em 21 de out. de 2023.

TRAVERSO-YÉPEZ, Martha A.; PINHEIRO, Verônica de Souza. Socialização de gênero e adolescência. **Revista Estudos Feministas**, v. 13, p. 147-162, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/KscbcF9X3cVgHStP6477Vkn/>. Acessado em 21 de out. de 2023.

VAZQUEZ, Daniel Arias et al. Vida sem escola e saúde mental dos estudantes de escolas públicas na pandemia de Covid-19. **Saúde em Debate**, v. 46, p. 304-317, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/XTMw5xNXxS4zK9BK3pbBxxg/?lang=pt>. Acessado em 21 de out. 2023.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, pelo privilégio de estar nessa vida e de ter me dado luz, sabedoria, coragem e força em diversos momentos, fazendo com que eu me reerguesse e pudesse recomeçar sempre que necessário.

Agradeço aos meus pais, Geraldo Filho e Maria Aparecida, que se fizeram presentes, apesar da distância, e sempre confiaram em mim e investiram no meu futuro, me dando amor, carinho, apoio, parceria, orientações, proteção e incentivo, sendo muito mais suporte do que o necessário. Eu amo muito vocês e sou imensamente grata por tudo.

À minha irmã, Sara, por quem eu daria a minha vida, agradeço o zelo para comigo desde o meu nascimento. Sara é sinônimo de união, amor, amizade e carinho, e tem sido luz na minha vida. E meu irmão, Heitor, que sempre acreditou em mim e que eu poderia ir mais longe, sendo grande parte da minha fortaleza. À minha avó, Maria Alzenir, por todas as orações e cuidados. À minha madrinha, Lúcia Machado, pela atenção e companheirismo.

Às minhas amigas e colegas de curso, Mariana, Leonara, Jakelline, Sarah, Jamile, Lívia, Evelyn, Emily, por me incentivarem e estarem ao meu lado em todos os momentos me apoiando e confiando em mim, se fazendo presentes no meu percurso acadêmico de forma a deixar mais leve. Também agradeço ao meu namorado, Emídio Alves, por sempre acreditar no meu potencial, me incentivar, me apoiar e chegar junto sempre, independente das circunstâncias. Por fim, agradeço aos grandes mestres de sala de aula e de vida que tive oportunidade de conhecer: José Andrade, Pâmela Gonzaga, Felipe Arruda, Luann Glauber e Viviane Bezerra. À minha orientadora, professora Lígia Gouveia, agradeço o comprometimento, disponibilidade, atenção e parceria durante dois anos, me dando oportunidade de aprofundar meus conhecimentos e práticas na área escolar.

